

**FACULDADE ASSEMBLEIANA DO BRASIL
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA (EaD)**

LUCAS DOS REIS LUCENA
GIDEONI SALDANHA DUARTE
ROSELITO DO ESPÍRITO SANTO

**A POSSIBILIDADE DE OFERECER RESPOSTAS AO MOVIMENTO DOS
DESIGREJAOS À LUZ DO LIVRO DE RUTE.**

GOIÂNIA-GO

2022

**FACULDADE ASSEMBLEIANA DO BRASIL
CURSO DE BACHARELADO EM TEOLOGIA (EaD)**

LUCAS DOS REIS LUCENA
GIDEONI SALDANHA DUARTE
ROSELITO DO ESPÍRITO SANTO

**A POSSIBILIDADE DE OFERECER RESPOSTAS AO MOVIMENTO DOS
DESIGREJAOS À LUZ DO LIVRO DE RUTE.**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Faculdade Assembleiana do Brasil, como requisito final para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob a orientação da profa. Me. Fábio de Sousa Neto.

GOIÂNIA-GO

2022

Faculdade Assembleiana do Brasil

Biblioteca Central

CIP - DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

L935p Lucena, Lucas dos Reis.

A possibilidade de oferecer respostas ao movimento dos desigrejos à luz do livro de Rute / Lucas dos Reis Lucena, Gideoni Saldanha Duarte e Roselito do Espírito Santo – 2022.

21 f.

Orientador: Fabio de Sousa Neto

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação), Faculdade Assembleiana do Brasil, Bacharelado em Teologia, Goiânia, Goiás, Brasil, 2022.

Ficha Catalográfica elaborada por:

Dannilo Ribeiro Garcês Bueno

Bibliotecário

CRB1: 2162

LUCAS DOS REIS LUCENA
GIDEONI SALDANHA DUARTE
ROSELITO DO ESPÍRITO SANTO

A POSSIBILIDADE DE OFERECER RESPOSTAS AO FENÔMENO DOS DESIGREJADOS À
LUZ DO LIVRO DE RUTE

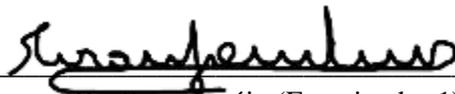
Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à
Faculdade Assembleiana do Brasil, como requisito
final para obtenção do título de Bacharel em
Teologia, sob a orientação da profa. Ms. Fábio de
Sousa Neto.

DATA DE APROVAÇÃO: 16/12/2022

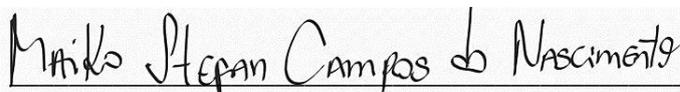
BANCA EXAMINADORA:



Fábio de Sousa Neto (orientador)
Faculdade Assembleiana do Brasil



Genilson Araújo (Examinador 1)
Faculdade Assembleiana do Brasil



Maiko Estefan Campos do Nascimento (Examinador 2)
Faculdade Assembleiana do Brasil

A POSSIBILIDADE DE OFERECER RESPOSTAS AO MOVIMENTO DOS DESIGREJAOS À LUZ DO LIVRO DE RUTE.

Lucas dos Reis Lucena¹
Gideoni Saldanha Duarte²
Roselito do Espírito Santo³

RESUMO

Esse trabalho propõe discutir através da narrativa do livro de Rute, a possibilidade de oferecer respostas ao fenômeno do afastamento cada vez mais evidente dos cristãos da comunhão da igreja, ou seja, do abandono da prática cristã de congregar. O trabalho explora introdutoriamente o texto em bases hermenêuticas considerando os contextos literário e histórico, com o adendo de que o pano de fundo narrativo ou história mestra pode ser aplicada aos nossos próprios contextos. A hipótese sustentada vem na afirmação de que existem elementos na narrativa que podem razoavelmente oferecer respostas ao fenômeno contemporâneo dos desigrejados, sobretudo, ao considerar o nível superior da narrativa, bem como os ensinamentos explícitos e implícitos à luz do Novo Testamento. Evidentemente, o conceito teológico de revelação progressiva, a proposta metodológica da hermenêutica do gênero literário de Godon Fee e Douglas Stuart, bem como, a leitura arminiana de eleição corporativa foram bastante úteis na construção do objeto.

Palavras-chave: Livro de Rute. Hermenêutica do gênero literário. Eleição corporativa. Desigrejados.

ABSTRACT

¹ Acadêmico do curso de Teologia da Faculdade Assembleiana do Brasil – FASSEB.

² Acadêmico do curso de Teologia da Faculdade Assembleiana do Brasil – FASSEB.

³ Acadêmico do curso de Teologia da Faculdade Assembleiana do Brasil – FASSEB.

This work proposes to discuss, through the narrative of the book of Ruth, the possibility of offering answers to the phenomenon of the increasingly evident distancing of Christians from the communion of the church, that is, the abandonment of the Christian practice of congregating. The work introductively explores the text in hermeneutical bases considering the literary and historical contexts, with the addendum that the narrative background or master story can be applied to our own contexts. The sustained hypothesis comes from the assertion that there are elements in the narrative that can reasonably offer answers to the contemporary phenomenon of the unchurched, especially when considering the superior level of the narrative, as well as the explicit and implicit teachings in the light of the New Testament. Evidently, the theological concept of progressive revelation, the methodological proposal of the hermeneutics of the literary genre by Godon Fee and Douglas Stuart, as well as the Arminian reading of corporate election were very useful in the construction of the object.

Keywords: Book of Ruth. Hermeneutics of the literary genre. Corporate election. Unchurched.

INTRODUÇÃO

“[...] A única solução é reconhecer que o velho Adão que continua a existir nos crentes também pertence à igreja e que a igreja está em um processo de tornar-se. A verdadeira e plena medida da identidade da igreja só será alcançada na consumação”.

(Herman Bavinck)

Esse trabalho pretende discutir através da narrativa do livro de Rute, a possibilidade de oferecer respostas ao fenômeno do afastamento cada vez mais evidente dos cristãos da comunhão da igreja, ou seja, do abandono da prática cristã de congregar. O trabalho explora introdutoriamente o texto em bases hermenêuticas considerando os contextos literário e histórico, com o adendo de que o pano de fundo narrativo ou história mestra pode ser aplicada aos nossos próprios contextos, por se tratar não de “uma “história de amor”; mais do que isso, é a história da “bondade” de Deus” (FEE, STUART, 2011, p. 121).

Evidentemente, a proposta é legitimada em bases bíblicas e para isso recorre-se aqui a dois textos clássicos das Escrituras. O primeiro é o excerto da carta de Paulo aos Romanos onde se diz: “Porque tudo o que dantes foi escrito, para nosso ensino foi escrito, para que pela paciência e consolação das Escrituras tenhamos esperança” (Rm 15:4). O segundo é o registro canônico clássico sobre a inspiração das Escrituras: “Toda a Escritura é divinamente inspirada, e proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça” (2 Tm 3:16). Portanto, admite-se de imediato um pressuposto fundamental que norteará todo o trabalho; as Escrituras como Palavra de Deus.

De todo modo, respeitando as intenções originais do autor nas duas passagens citadas, registra-se um núcleo comum; o valor das Escrituras que compõe o Antigo Testamento para os crentes em seus contextos existenciais. Certamente, admitindo a autoria paulina dos textos supracitados, os termos “Escrituras”, ou no singular “Escritura” são sinônimos dos livros canônicos do Antigo Testamento. De todo modo, não utilizaremos ingenuamente do “método texto prova” desconsiderando o rigor hermenêutico capaz de elucidar os significados do texto. Certamente isso é possível quando o intérprete se atém aos contextos literário e histórico, ao significado original do texto. Como nos lembra Grant R. Osborne (1942–1918):

Só uma hermenêutica bem definida pode manter alguém atrelado ao texto. A falácia básica de nossa geração evangélica é a do “texto-prova”, processo pelo qual uma

peessoa “prova” uma doutrina ou prática simplesmente se referindo a um texto sem observar seu significado original inspirado (OSBORNE, 2009, p. 27-28).

Portanto, utilizaremos nesta pesquisa as recomendações de Fee e Stuart (2011) na exploração e aplicação do texto de Rute, ou seja, a hermenêutica do gênero literário, sem, contudo, desprezar outra possibilidade de interpretação, aquela de natureza teológica. Primeiro, enfatizando o conceito de revelação progressiva, o que por sua vez leva o intérprete a explorar o Antigo Testamento à luz da totalidade da revelação como encontrada no Novo Testamento. Por exemplo, Heber Carlos Campos ao desenvolver *insights* sobre teologia própria pontua exatamente isso pois entende que:

Todos os textos do Antigo [...] ficam muito mais claros quando os entendemos à luz de uma revelação posterior. Eles são mais bem entendidos quando recebem a luz que vem dos textos mais claros do Novo Testamento, onde a revelação progressiva se torna mais evidente (CAMPOS, 2002, p. 114).

Segundo, consideraremos aquilo que Fee e Stuart (2011) reconhecem como os “três níveis da narrativa” (FEE; STUART, 2011, p. 111). O terceiro nível pode ser reconhecido como a narrativa mestra, ou “meta-narrativa”, a própria história da redenção. O segundo nível da narrativa diz respeito à uma história coletiva, que se situa em um “nível intermediário, refere-se à história de um povo redimido por Deus para seu nome. Esse povo é constituído duas vezes — por uma antiga aliança e por uma “nova” aliança” (ibidem, p. 111). Por fim, considera-se o primeiro nível da narrativa, desta vez em um plano individual abarcando todas as narrativas individuais encontradas nos dois níveis ora citados (ibidem, p. 112).

Dito isso, a problemática a ser discutida neste trabalho diz respeito a uma pergunta nuclear: a narrativa apresentada no livro de Rute pode de algum modo oferecer respostas ao fenômeno dos desigrejados⁴? A hipótese provisória vem na afirmação de que existem elementos na narrativa que podem razoavelmente oferecer respostas ao fenômeno contemporâneo dos desigrejados, sobretudo, ao considerar a articulação entre os três níveis da narrativa e uma abordagem teológica em duas perspectivas; considerando conceito de revelação progressiva e a abordagem pentecostal arminiana sobre a eleição corporativa.

O trabalho se configura como pesquisa qualitativa optando-se, portanto, pela pesquisa bibliográfica. Além disso, utilizaremos a proposta metodológica da hermenêutica do gênero literário de Gordon Fee (1934–2022), reconhecendo também, que o método próprio da teologia

⁴ O conceito diz respeito às pessoas que por alguma razão insistem em afirmar sua fé mas deixaram a prática cristã de congregar. Romeiro trata o tema em seu livro “Decepcionados com a graça” atribuindo o fenômeno aos elementos negativos encontrados no neopentecostalismo.

cristã de base conservadora diz respeito ao raciocínio indutivo, sobretudo admitindo um pressuposto fundamental: as Escrituras como Palavra de Deus (COSTA, 2015, p. 59, 73). Quanto a orientação teórica, além do próprio Fee (1997) que demonstra a necessidade de um movimento complementar entre teoria e método, contaremos também com os aportes de vários autores entre eles; Mulder *et al* (2005), Bravo (2009), Campos (2017), Lopes (2007), Romeiro (2005), Lopes (2022), Oliveira (2018), Garofalo Neto (2019) e Shelley (1984).

Por fim, quanto aos objetivos da pesquisa, tem-se; propor a exploração de um pano de fundo importante na narrativa, uma análise introdutória da migração da família de Noemi; refletir sobre a narrativa do livro de Rute e os possíveis (des) encontros com o fenômeno contemporâneo dos desigrejados; discutir os elementos da narrativa do livro de Rute em termos de respostas ao fenômeno contemporâneo dos desigrejados.

Sendo assim, os objetivos elencados corresponderão à estrutura do trabalho. O primeiro tópico tratará da análise da migração da família de Noemi ao abandonar seu torrão natal, a região das terras bíblicas de Belém. O segundo tópico produzirá uma reflexão sobre a narrativa do livro de Rute em possíveis (des) encontros com o fenômeno dos desigrejados, e, por último, a fim de testar a hipótese se discutirá os elementos na narrativa e as abordagens teológicas que podem razoavelmente oferecer respostas ao fenômeno contemporâneo dos desigrejados.

1. EXPLORAÇÃO PRELIMINAR DO LIVRO DE RUTE.

Neste tópico será apresentado o livro de Rute com ênfase no primeiro capítulo que narra a história de Elimeleque e sua família, sobretudo a migração de Belém de Judá para às terras de Moabe.

O livro de Rute apresenta-se como uma narrativa histórica, portanto, em termos literários, o gênero é narrativo. Obviamente vários elementos atestam isso, como apresentação do período em que os fatos aconteceram (Rt 1.1) locais (Belém, Moabe Rt 1,1) e personagem (Família e noras Rt 1.2-3).

O livro não é nem mito nem lenda. É claramente uma narrativa histórica. Os incidentes relatados aqui ocorreram num período de tempo específico, a saber, “nos dias em que os juízes julgavam” (1.1). (RIDAL, 2012, p. 160).

Abaixo um esboço feito por Pfeiffer (2017) do livro de Rute encontrado no Comentário Bíblico Moody:

Quadro 1 – Esboço do livro de Rute

Capítulos	1	2	3	4
Versículos	1-22 A família de Elimeleque emigra para Moabe 1-5 A viúva de Elimeleque e sua nora retornam a Moabe 6-8 Noemi e Rute chegam a Belém 19-22	1-23 Rute rebusca nos campos de Boaz 1-23	1-18 Rute encontra um remidor 1-18	1-22 Boaz casa-se com Rute 1-17 Rute vem a ser uma antepassada de Davi 18-22

Portanto, é possível reconhecer de imediato que a narrativa do livro de Rute apresenta eventos relacionados, ao mesmo tempo, aos três níveis da narrativa como descrito por Fee e Stuart (2011). Ou seja, no plano individual tem-se a exposição de narrativas contemplando a própria Rute, sua sogra Noemi e o remidor, Boaz. No segundo nível, essas histórias individuais são agrupadas sob a história de um povo; Israel. Por fim, no terceiro nível da narrativa, à luz do Novo Testamento e do conceito teológico de revelação progressiva é possível afirmar que todas essas histórias são partes de uma história maior, a meta-narrativa, a história da redenção, pois se sabe que Jesus Cristo se inscreve na genealogia de Rute, bisavó do rei Davi de quem Jesus descendia (Mt 1:1-16).

1.1 Título, autoria e composição do livro

O livro leva o mesmo nome da principal personagem da narrativa, Rute. O título do livro leva o nome da protagonista tanto na Bíblia hebraica como nas versões da Bíblia em português. Esse fato é bastante curioso uma vez que o protagonismo da personagem Rute e o fato de seu nome dar título ao livro é uma característica que difere dos outros livros da Bíblia, ainda mais ao considerar que Rute era uma estrangeira, uma moabita (Rt 1:4).

Na divisão do Tanakh (bíblia judaica), o livro de Rute está localizado nos chamados no *Ketuvim* os “escritos”, depois de Cântico dos Cânticos. Já na Bíblia protestante, o livro de Rute está na seção dos livros históricos, depois do livro de Juízes e antes do livro de I Samuel. Para muitos, o livro de Rute é uma continuação do livro de Samuel.

Três fatores determinantes mostram que o autor do livro não foi uma testemunha ocular ou do mesmo período em que os fatos aconteceram. O primeiro é o termo “Nos dias em que julgavam os juízes”, isso mostra que o livro provavelmente foi escrito no período da monarquia

e não no período da história de Israel em que a sociedade era governada por líderes tribais. Outro fato é a forma descrita de como eram feitos os negócios nos dias de Rute (Rt 4.7), e por último, a genealogia que mostra personagens que vieram tempos depois, sobretudo, com a inserção da principal personagem do período monárquico, o rei Davi (4.18-22).

A autoria do livro é desconhecida ou anônima, pois não há fontes internas no próprio livro ou em outros livros da Bíblia que relatam quem foi o autor. Alguns atribuem a Samuel, Ezequias ou Esdras, outros críticos atribuem a composição do livro no período pós-cativeiro babilônico, mas Pfeiffer (2017) diz que o Talmude Baba Bathra atribui a Samuel. Já a Bíblia de estudo de Genebra coloca como mais provável data da composição do livro no período do reinado de Davi. Radmacher; Allen e House (2010), entendem a partir de evidências internas que a data provável de confecção do livro seria durante o reinado de Salomão, por também a era dourada da literatura hebraica.

Como o livro finaliza ressaltando a linhagem de Davi que foi monarca em Israel, é provável que tenha sido endereçado ao povo de Israel do período em que já havia reis em Israel. Conforme Pfeiffer (2017), o uso do livro na liturgia judaica, se dava nos rituais da festa de Pentecostes.

1.2 Propósito do livro.

Evidências internas sugerem que o principal propósito do livro foi oferecer um mapeamento da linha genealógica do rei Davi (RIDAL, 2012), e de igual modo, à luz do Novo Testamento também pode clarear a genealogia de Jesus de Nazaré além de apontar outra questão de ordem teológica; a universalidade da fé e a extensão do sacrifício de Cristo, ou seja:

O livro foi escrito para fornecer um “elo perdido” na linhagem dos ancestrais de Davi (4.17-22). Desse modo, ele se torna um importante “ramo” da “árvore” genealógica de nosso Senhor. Uma vez que Cristo morreu pelo mundo todo (2 Co 5.15), é bastante adequado que alguns de seus ancestrais “segundo a carne” (Rm 1.3) fossem gentios (RIDAL, 2012, p. 160).

Na genealogia no final do livro, Rute é apontada como ancestral do rei Davi, e no novo testamento tanto no livro de Mateus (Mt 1 com o de Lucas em suas genealogias, cita Jesus como sendo descendente de Davi, logo, Rute faz parte da linhagem do Messias. Interessante que na lista de ancestrais de Jesus como apresentada no Evangelho segundo Mateus, duas personagens estrangeiras e do sexo feminino são inseridas; Rute e Raabe. A primeira em ordem cronológica é tardia, cujo marido Boaz é registrado no texto sagrado como filho de Raabe, portanto, há duas mulheres estrangeiras na genealogia de Davi e conseqüentemente de Jesus Cristo. Portanto, do

ponto de vista teológico esses elementos da narrativa apontam para a universalidade da salvação, ou seja:

Esse livro enfatiza um tema muito abrangente da Bíblia: o desejo de Deus de que todos, e não apenas os israelitas, creiam nele e sejam salvos. Esse era o plano do Senhor desde o princípio. Ele tinha feito uma aliança com Abraão e seus descendentes para abençoar todas as nações da terra por intermédio deles, atraindo para Si todos os povos (Gn 12.1-3) (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 441-442).

A Bíblia de estudo de Genebra, aponta três fatores importantes no livro de Rute, o primeiro é mostrar que mesmo Rute sendo estrangeira (moabita) poderia se converter e ser fiel ao Senhor e ser totalmente aceita em Israel. Segundo, a lealdade e fidelidade a aliança demonstrado pela estrangeira, poderia servir de modelo para a resposta de Israel ao Senhor. E por último, que o Senhor redimiria e restauraria a família exilada de Israel às suas terras.

A questão da fome na terra, fenômeno que levou a família de Elimeleque a migrar para as terras de Moabe provavelmente diz respeito à quebra da aliança entre o povo de Israel e seu Deus como descrita no livro de Deuteronômio (Dt 28: 15-68). Conforme se verificará logo em seguida, o contexto histórico em que se desenvolveu a trama do livro de Rute diz respeito ao período dos Juízes (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. p. 441), contexto marcado por um ciclo de apostasia e arrependimento, um período de transição entre o Israel tribal e o período monárquico.

O contexto dos juízes, evidenciou claramente a mensagem do livro de Deuteronômio, sobretudo, os níveis de maldições advindas da infidelidade do povo e as respostas providenciais e amorosas de Deus mesmo em tempos tão sombrios. Paralelamente, a narrativa do livro de Rute recobre parte desse período e evidencia também os mesmos cuidados. Foi pensando nisso que o teólogo pentecostal Roger Strondad (2020) pontuou: “Os episódios do livro de Rute são um raio de luz infiltrado na noite tenebrosa da nação” (STRONDAD, 2020, p. 96). Por isso mesmo Wiersbe (2009) entendeu embora o livro de Rute seja tão abreviado, “a história que conta faz parte da maior história já contada”, tendo em vista que, “A graça e a orientação providencial de Deus são os temas centrais dessa história” (WIERSBE, 2009, p. 266).

A lei do resgate como registrada no livro de Levíticos (Lv 25: 25-28) também se evidencia no livro. Isso significava que em estado de endividamento as terras familiares poderiam ser “vendidas” (penhoradas ou arrendadas) a fim de quitar a dívida contraída. Entretanto, o conteúdo da mensagem do livro de Deuteronômio deixava claro que o verdadeiro dono da terra era o Senhor e os vários mecanismos que permitiam a recuperação da terra deixava

isso muito claro. Assim, haveria a possibilidade legal de reaver a terra do sustento familiar. Segundo Radmacher; Allen e House (2010) isso ocorria sob três situações:

(1) Um parente próximo poderia resgatar (comprar) a terra do cidadão em dificuldades que foi vendida a outrem (v. 25). Com a renda, o proprietário teria condições de liquidar a dívida com seus credores. A terra continuaria pertencendo ao clã, a família pobre permaneceria em sua propriedade e, por fim, o parente seria reembolsado. [...]. (2) Um homem poderia não ter ninguém que servisse de resgatador para sua terra. Neste caso, se fosse capaz de em pouco tempo economizar o bastante para comprá-la de volta, deveria fazê-lo. O preço de resgate seria estipulado de acordo com a quantidade de anos que faltasse para o próximo Ano do Jubileu, e a quantia adequada retornaria ao comprador (v. 26,27). (3) Não sendo possível realizar as opções acima, o homem deveria esperar até o Ano do Jubileu para readquirir a terra que ganhara como herança (v. 28). Entretanto, mesmo nessa situação extrema, havia a esperança de que a família pudesse retomar a sua propriedade livre de débitos e, assim, recomeçar. (sic) (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 253-254).

A doutrina bíblica do resgate, da redenção ou remissão dos pecados como encontrada no Novo Testamento encontra também sua imagem recuada no livro de Rute. De fato Boaz o resgatador de Rute e da condição de Noemi aponta para Jesus Cristo, pois: “Por meio de todas essas ações, Boaz representou e exemplificou o amor e a compaixão de Jesus, que é o nosso Redentor, que nos redimiou da maldição da Lei (G13.13)” (RADMACHER; ALLEN; HOUSE, 2010, p. 442).

Como se pode constatar, o livro de Rute não está desassociado do todo das Escrituras e claramente os três níveis da narrativa estão concatenados, sobretudo, à luz do Novo Testamento e, portanto, da revelação progressiva. O primeiro nível, das narrativas individuais está contido no segundo nível, da história coletiva de um povo, o que por sua vez está ligado à meta-narrativa, à história da redenção. Foi assim que concluiu Emílio Garofalo Neto ao explorar a narrativa de Rute:

É uma história real de amor entre gente de carne e osso que ilustra verdades profundas acerca de como Deus age, de como ele está ao mesmo tempo tratando os corações de cada indivíduo e movendo adiante a história da redenção. Infelizmente, muitos conhecem a história de maneira isolada, sem entender que ela é uma pequena parte de uma história maior. (GAROFALO NETO, 2019, p. 21).

1.3 Uma hermenêutica histórico-gramatical do livro de Rute (1:1-5): uma contextualização.

Como já foi tratado anteriormente, o contexto histórico do livro é marcado por um período conturbado nas tribos de Israel, em que o pano de fundo é a desobediência do povo de

Deus e resultado é opressão vinda de outros povos e fome na terra. Conforme Ridal (2012, p. 162) “a fome em Israel nos dias em que os juízes julgavam” foi o que forçou a migração da família de Elimeleque.

Sobre o termo “Efrateu” (Rt 1.2), em Ridal (2012), vemos que se refere a um morador de Efrata, um antigo nome de Belém, essa afirmação é encontrada em Gênesis 35:19. O que pode ser confirmado no próprio livro, uma vez que a genealogia de Davi é de Judá, e não de Efraim.

A história começa com uma saída solitária de uma pequena família de Belém de Judá, não foi uma migração de um grupo com o de Dã em Juízes 18, mas essa família decidiu ir atrás de um lugar com recursos e alimentos, fora das terras que deu a seu povo. Em um contexto em que o povo escolhido por Deus está na terra que Ele os entregou e mesmo assim estão ao mesmo tempo distante de Deus, mesmo que em uma situação extrema como a da fome enfrentada, ir para uma terra distante e habitar com um povo que não tem temor a Deus, é algo muito arriscado.

Sobre essa arriscada decisão, Lopes diz o seguinte (2007 p. 18) “buscar refúgio fora da vontade de Deus é um consumado engano”, ainda completa dizendo que Elimeleque e sua família “foram pra Moabe em busca de sobrevivência e encontraram a morte. Eles foram em busca de pão e encontraram a doença. Eles foram buscar vida e encontram sepultura”.

Em Moabe, Noemi perde seu marido (v. 3), e fica só com seus dois filhos. O texto diz que esses filhos se casam com mulheres moabitas (v. 4), um claro sinal de que não tinham intenção de voltar para sua terra. Mas eles morrem pouco tempo depois deles se casarem (v. 5). Pelo fato de não terem tido filhos, isso demonstra que morrem pouco tempo depois de se casarem.

E assim ficaram só, Noemi e as suas duas noras. Ao que parece, a fome que foi o pano de fundo da história não foi o maior desafio de Noemi, mas sim a perda do seu marido e seus filhos, o que foi motivo de seus lamentos, mas ela não tinha perdido tudo, havia ao seu lado uma verdadeira amiga e companheira nos momentos mais difíceis da sua vida.

Como dito, o contexto histórico do livro de Rute se dá em um momento muito complicado do povo de Israel, quando “os juízes julgavam” (Rt 1.1) e não haviam reis e “cada um fazia o que parecia bem aos seus olhos” (Jz 17:6) (Js 17.6).

Para Hubbard (2008 p. 124) “a história de Rute mais provavelmente fica entre Eúde e Jefté, visto que, exceto no caso de Eglon, Israel dominava Moabe durante a época”. No período dos juízes, não havia muita unidade entre as tribos de Israel e muitos haviam esquecido do Senhor e fizeram que parecia mal perante o Senhor (Js 2.11), foi quando o Senhor os entregava

em domínios dos povos vizinhos e depois levantam os juízes para os libertaram quando o povo o buscava.

Segundo Lopes (2007, p. 14) o contexto do livro de Rute foi nos dias mais turbulentos da história de Israel, e dentro desses altos e baixos vividos pelo povo, eles passaram por “instabilidades políticas, o colapso moral e a infidelidade espiritual”. Lopes diz ainda (2007 p. 14) que as pessoas nesse tempo “não queriam a Deus, queriam apenas as bênçãos de Deus”. Dessa forma quando voltavam para Deus, era de forma “superficial, pois o povo só buscava a Deus para se ver livre das angústias”.

O povo de Israel não tinha uma boa convivência com os povos em sua volta, e Moabe o povo que Rute pertencia, possuía uma relação ambígua com Israel. Algumas questões sérias se apresentaram na época de Moisés quando Israel passou pelas terras de Moabe. Na ocasião, Balaão e Balaque tramaram contra o povo de Deus, induzindo Israel à apostasia, ao pecado da infidelidade a Deus por meio da prostituição e da idolatria.

Essa estratégia não é narrada no livro de Números, mas é mencionada no Apocalipse onde o Senhor diz por meio de João na carta endereçada à igreja em Pérgamo: “Mas algumas poucas coisas tenho contra ti, porque tens lá os que seguem a doutrina de Balaão, o qual ensinava Balaque a lançar tropeços diante dos filhos de Israel, para que comessem dos sacrifícios da idolatria, e fornicassem” (Ap 2:14). Os eventos mencionados em Apocalipse podem ser encontrados no capítulo 25 do livro de Números. Sabe-se também que os moabitas são descendentes de uma relação incestuosa de Ló com uma das suas filhas (Gn 19. 30-38).

Outro dilema encontrado na história do livro é o fato de Noemi pouco depois de se tornar viúva também perdeu os seus filhos, quem provavelmente poderia cuidar dela depois da morte do seu marido, mas ele pode contar com a presença fiel de sua nora Rute.

Os contextos econômico e social naqueles dias foram marcados pela “fome na terra” (Rt 1.1), que poderia ter sido motivada por falta de chuva, ou até mesmo por opressão de outros povos, como vemos na história de Gideão, um contemporâneo do período dos Juízes (Jz 6:3-6).

A Bíblia de estudo de Genebra diz (p. 341) que a fome na terra nem sempre deve ser encarada como castigo de Deus, mas que a condição espiritual do povo naqueles dias pode ter sido de fato a causa. Além disso, mesmo que a mão de Deus não seja vista no drama, Deus deve ser visto sempre presente e ativo. Se for esse o caso, está em consonância com Deuteronômio 28 sobre as maldições que o povo de Israel enfrentaria se esquecesse de Deus e se voltasse aos deuses dos povos cananeus.

Seja qual for o motivo, houve uma grande fome na terra de Israel. O autor logo após dizer “fome na terra” complementa “um homem de Belém de Judá”, o que dá a entender um sentido mais amplo, do macro ao micro, como se a fome estivesse presente em Belém, Judá ou até em outros lugares de Israel. Esse foi o motivo que fez Elimeleque migrar para a terra de Moabe, provavelmente o local mais próximo de Belém e onde havia pão.

1.3.1 Abordagem linguística do livro

Significados dos nomes dos personagens e locais segundo Dicionário Bíblico Strong:

Elimeleque = “meu Deus é rei”

Noemi = “minha delícia”

Rute = “amizade”

Belém= “casa do pão”

No versículo 1 do primeiro capítulo, vemos uma ironia bem frisada pelo Autor, na “casa do pão” (Belém) houve “fome”, e aquele cujo significado é “meu Deus é rei” (Elimeleque) não foi tão fiel como súdito, pois saiu da terra que Deus deu ao seu povo para habitar em terras estrangeiras. Noemi, uma das personagens principais da história com muito cujo significado é “minha delícia”, quando volta para Belém com muita tristeza e ressentida pela tragédia que aconteceu em sua família, pediu para que fosse mais chamada de Noemi, mas sim de Mara “porque grande amargura me tem dado o Todo-Poderoso” (Rt 1.20).

Já o significado de Rute “amizade”, parece estar em sintonia com as suas atitudes e dádivas. Outro fato importante, é a fé de Rute no Deus de sua sogra, mesmo quando sua sogra manda que ela vá embora pois não via saída nem solução para aquela tragédia, Rute se posiciona firme e que de maneira nenhuma largaria a sua sogra. Há muito para se aprender nos recursos de linguagem usados pelo autor do livro de Rute ousadamente pelo Espírito Santo.

1.3.2 Os significados de Rute ser uma estrangeira

A Bíblia de estudo de Genebra diz (p. 254) que Dt 23.3 ao que parece não se aplica ao caso de Rute, por se tratar de uma estrangeira que se converteu a Yahweh. No caso de Números 25, os filhos de Israel se prostituem com as moabitas e adoram os seus deuses, e quem estava por trás disso foi Balaão, que não tendo como amaldiçoar o povo de Israel, usou como uma forma de enfraquecer o povo.

No caso de Rute, a família de seu falecido esposo decide habitar nas suas terras, e ao que parece, essa família não teve a intenção de voltar para sua terra natal mesmo depois da morte de Elimeleque, e o casamento de Rute só acontece depois da morte de seu sogro. Mas o autor do livro de Rute deixa claro que Rute recusou sua terra, seu povo e seus deuses para servir e viver nos passos da sua sogra 1.16-17.

Na história do livro fica claro a fidelidade de Rute em não abandonar a sua sogra, isso revela o seu caráter, mas isso mostra também que a família de Noemi apesar de distante da sua terra não deixou seus costumes e sua fé. É provável que eles tenham falado a respeito do Deus de seu povo e seus feitos, pois a declaração de Rute parece de alguém que sabe quem é o Deus de Noemi e quem é o seu povo (v. 16). Rute ainda coloca o Senhor como juiz sobre ela se de alguma forma abandonasse Noemi (v. 17).

Evidentemente o fato de Rute ser estrangeira é bastante evidente na narrativa e demonstra o favor de Deus em acolher aqueles que estavam fora da comunidade de Israel. Deus não desejava ser apenas o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, mas o Deus de toda a Terra. Como diz Fee e Stuart (2011) o livro de Rute é na verdade uma história de Deus, e Garofalo neto confirma, pois entende que além de cobrir narrativas sobre vários personagens reais, “é acima de tudo sobre o Deus que orchestra todas as coisas e que cuida de seu povo em todo tipo de situação” (GAROFALO NETO, 2019, p. 24).

Além disso, apesar dos erros e fracassos, das escolhas equivocadas registradas na trama, das más decisões em razão da falta de fé, das inclinações daqueles tempos tão sombrios onde “cada um fazia o que parecia bem aos seus olhos” (Jz 17:6), Deus não abandonou seu povo. Pelo contrário, com cuidado providencial levou graça e restauração à uma família em ruínas, alcançando por sua vez outros níveis da narrativa, a história de um povo e a de todos nós. Isso evidentemente é muito importante e diz respeito ao exercício de contextualização, ou seja, comporta a antiga história, a narrativa mestra, a meta-narrativa ou história da redenção. Uma contextualização mais específica virá a seguir.

2. A NARRATIVA DO LIVRO DE RUTE E OS POSSÍVEIS (DES) ENCONTROS COM O FENÔMENO CONTEMPORÂNEO DOS DESIGREJADOS.

2.1 Aproximando os contextos: o fenômeno dos desigrejados

O afastamento dos crentes da comunhão comunitária não é uma novidade, temos relatos em alguns livros do novo testamento como Hebreus e Tiago, também ao longo da história de Israel vemos o povo se afastando de Deus, e na história de Rute vemos esse afastamento parcial, onde se mantém a fé, mas está distante do local da fé e dos ensinamentos de perseverança. Algo que vimos nos dias atuais, onde muitos se dizem cristãos, mas rejeitam a ideia de congregar em um espaço coletivo para prestar culto a Deus.

A aplicação da mensagem bíblica é muito importante, sabemos que a história de Rute tem sua relevância para judeus e cristãos por mostrar o começo da linhagem de Davi. As mensagens deste livro são muito atuais para os dias de hoje, por isso neste presente tópico veremos os relatos e situações nos dias atuais que mostram uma ligação com os dias de Rute e Noemi, sobretudo, em relação ao fenômeno dos desigrejados.

Garofalo Neto (2019) chamou a atenção para a possibilidade de aproximação dos contextos do livro de Rute e os atuais. Segundo o autor, isso não diz respeito a nenhum anacronismo, mas à fenômenos recorrentes na história humana que apontam justamente para questões teológicas, ou seja, “O contexto é distante de nós, cultural e geograficamente, mas é também similar ao nosso” (GAROFALO NETO, 2019, p. 28). A autor admite o distanciamento cultural, entre outros, em razão do fator positivo da dinâmica tecnológica de nossos dias, mas reconhece a persistência de um fator negativo: as trevas do coração caído não mudam com desenvolvimento civilizatório” (ibidem, p. 28).

Notadamente a frase emblemática daqueles tristes dias encontra ressonância em nosso próprio tempo, qual seja: “cada um fazia o que parecia bem aos seus olhos” (Jz 17:6). A relativização dos valores e das Escrituras, onde muitos insistem em viver como se não houvesse Deus é uma constatação evidente em nosso tempo. Na esteira desse fator negativo pode-se acrescentar o fenômeno dos “decepcionados com a graça” (ROMEIRO, 2005), dos chamados desigrejados, aqueles que por várias razões não veem sentido na comunhão comunitária da igreja.

O fenômeno foi abordado por Romeiro (2005) considerando as decepções oriundas dos impactos do neopentecostalismo na sociedade brasileira (ROMEIRO, 2005, p. 13). A proposta do autor foi construir uma crítica sobre a *práxis* religiosa dos neopentecostais que supostamente tem produzido inúmeras frustrações. Entretanto, sobre o fenômeno dos desigrejados, não existe apenas um fator determinante para seu surgimento. Por exemplo, representantes do movimento de igrejas orgânicas, tendem a criticar qualquer forma institucionalizada de igreja. Por causa disso, representantes desse movimento podem ser taxados de desigrejados. Lopes (2010) apresenta alguns argumentos defendidos por representantes desse movimento, vejamos:

1) Cristo não deixou qualquer forma de igreja organizada e institucional. 2) Já nos primeiros séculos os cristãos se afastaram dos ensinamentos de Jesus, organizando-se como uma instituição, a Igreja, criando estruturas, inventando ofícios para substituir os carismas, elaborando hierarquias para proteger e defender a própria instituição, e de tal maneira se organizaram que acabaram deixando Deus de fora. Com a influência da filosofia grega na teologia e a oficialização do cristianismo por Constantino, a igreja corrompeu-se completamente.

3) Apesar da Reforma ter se levantado contra esta corrupção, os protestantes e evangélicos acabaram caindo nos mesmíssimos erros, ao criarem denominações organizadas, sistemas interligados de hierarquia e processos de manutenção do sistema, como a disciplina, a exclusão dos dissidentes, e ao elaborarem confissões de fé, catecismos e declarações de fé, que engessaram a mensagem de Jesus e impediram o livre pensamento teológico.

4) A igreja verdadeira não tem templos, cultos regulares aos domingos, tesouraria, hierarquia, ofícios, ofertas, dízimos, clero oficial, confissões de fé, rol de membros, propriedades, escolas, seminários.

5) De acordo com Jesus, onde estiverem dois ou três que crêem nele, ali está a igreja, pois Cristo está com eles, conforme prometeu em Mateus 18. Assim, se dois ou três amigos cristãos se encontrarem no Frans Café numa sexta à noite para falar sobre as lições espirituais do filme O Livro de Eli, por exemplo, ali é a igreja, não sendo necessário absolutamente mais nada do tipo ir ao local de culto da igreja no domingo ou pertencer a uma igreja organizada.

6) Por fim, dizem que a igreja, como organização humana, tem falhado e caído em muitos erros, pecados e escândalos, e prestado um desserviço ao Evangelho. Precisamos sair dela para podermos encontrar a Deus. (LOPES, 2010)

Sobre o tema dos “desigrejados”, o autor Idauro Campos Jr. publicou um livro em 2017 falando acerca desse movimento, talvez seja a obra mais conhecida no momento no Brasil abordando o fenômeno. Através de pesquisa sobre o assunto e coletando testemunhos de pessoas que se afastaram da igreja, Campos (2017) faz uma abordagem com profundidade sobre o assunto. É apresentado por ele também um dado importante sobre o número de pessoas que não tem ligação com confissões cristãs.

Em 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) registrou no censo o contingente de quatro milhões de brasileiros que se declararam aos agentes censitários como evangélicos sem vínculos institucionais. Ou seja, eram cristãos que não congregavam ou não pertenciam a nenhuma comunidade eclesial (CAMPOS 2017 p. 19).

No presente ano de 2022, a tendência é que esse número seja ainda maior, visto que houve atraso no novo censo do IBGE e esses dados são de 2010. Ao levar em conta o fato de que houve uma pandemia nos últimos 2 anos e por um tempo as igrejas ficaram fechadas, resta uma dúvida se depois desse momento houve o retorno de todos os membros ou se alguns não voltaram mais?

Lideranças e ilusões.

Ainda sobre Campos, um fator importante a destacar é o papel da liderança nesse processo do desigrejamento. De forma que Campos tem como tema do seu primeiro capítulo “decepcionados com as lideranças”. Neste capítulo é mostrado os relatos de pessoas que congregavam e que estavam perto das lideranças, mas através da conduta reprovada desses líderes, causou decepção e afastamento desses membros.

Outras decepções são aquelas que Romeiro (2005) identificou, com as promessas da teologia da prosperidade acampada em boa parte das igrejas neopentecostais. Esse tipo de teologia geralmente alimenta ilusões, sonhos e expectativas, não poucas vezes frustradas. Segundo o autor esse tipo de decepção alimenta também outro fenômeno, do trânsito religioso e chama a atenção para questões ainda abertas, vejamos:

Quanto mais os cristãos transitam, mais se decepcionam. Quanto mais se decepcionam, mais transitam. Assim, uma ação alimenta a outra. Esses peregrinos da religião constituem hoje o movimento dos sem-igreja. O que ainda não se sabe é qual será o efeito do trânsito religioso sobre os filhos dos transeuntes (ROMEIRO, 2005, p. 161).

Percebe-se também uma relação ainda não muito explorada entre esse tipo de teologia e os fenômenos do consumismo e da pretensa autonomia do sujeito, dos efeitos da hipermodernidade ou pós-modernidade, entre eles, o abandono das tradições, a ênfase individualista e um estado constante de inquietação.

A narrativa de Rute entrega algo no mínimo intrigante, algo que a abordagem linguística do livro nos ajuda a compreender com razoável clareza. Os termos “Belém” e “fome na terra” parece perder relativamente a força do significado nas traduções. No entanto, a presença desses termos em só unidade sintática do primeiro capítulo do livro de Rute é curiosa. Há um jogo de palavras, uma vez que Belém é a casa do pão, e mesmo assim, constata-se fome na terra e as esperanças dos protagonistas são postas nos “campos de Moabe” (Rt 1:1).

Certamente há um abismo entre nosso contexto e aquele da família de Elimeleque, mas, como já dito, algo continua o mesmo; nosso coração caído. Nesse sentido, as formas

religiosas contemporâneas sugerem certo reflexo dessa situação, onde o individualismo, a ganância e o consumismo acabam por nutrir certas representações religiosas “nem tão santas assim”. Outra questão diz respeito a falta de confiança em Deus e em sua providência.

Voltando à questão da liderança, como já vimos em momento anterior, esse era um problema sério no contexto de Juízes, o mesmo período de Rute. Mesmo não sendo um tema central no livro de Rute, nota-se a falta da presença de um líder no livro. Ainda que Boaz seja o remidor, uma tipologia de Cristo, tendo atitudes de um líder (Rt 4:1,9), ele não é visto como um líder do povo. Esse fato é algo raro na Bíblia, uma vez que os patriarcas são considerados líderes, Moisés, Josué, os Juízes, os monarcas, Esdras, Neemias, os profetas, Jesus e seus apóstolos.

Se essa análise estiver correta, somente o livro de Rute não menciona a presença de um líder (Davi só é mencionado como descendente de Boaz). Claro, que isso parece intencional, no sentido de apontar para o período de ouro da história judaica sob o reinado de Davi e Salomão. Evidentemente, a intenção do autor do livro de Rute parece ser essa mesma, mostrar a importância do grande rei Davi em comparação a instabilidade no contexto dos juízes.

De fato, a narrativa tem como pano de fundo o tempo dos Juízes (Rt 1.1). Naquele contexto, Deus levantava juízes para julgar a terra quando o povo retornava arrependido ao Senhor. Provavelmente, a história apresentada na trama do livro de Rute tenha ocorrido em um daqueles intervalos entre apostasia e arrependimento.

A ausência de lideranças fortes é um perigo como vemos no livro de Juízes, mas também a presença de líderes ruins que não temem a Deus pode conduzir a um processo de decadência, vide os casos dos reis de Israel e Judá, cujo exemplo emblemático fora Acabe e sua consorte Jezabel (I Rs 21:25).

Idealizações da igreja e consequente frustrações: uma questão mitológica.

Evidentemente, outra questão fundamental diz respeito a natureza da Igreja. Uma concepção idealizada de Igreja pode alimentar expectativas irreais sobre o que ela é, consequentemente isso pode levar ao desapontamento. Como dizia Bruce Shelley (1984), existem muitos mitos sobre a igreja, e esses mitos parecem ganhar sobrevivência em nossos contextos. Evidentemente isso não é algo novo, o que levou o autor a identificar os seguintes mitos sobre a Igreja; da igreja como irmandade, da igreja invisível, da igreja original e da igreja como doutrinária (SHELLEY, 1984, p. 11-15).

Particularmente interessante são os dois primeiros. A igreja como irmandade é uma visão “distorcida pelo individualismo” (ibidem, p. 11). Essa visão se apoia no “texto prova” de

Mateus 18:20 e é comumente utilizado por inúmeros cristãos para defender a ideia de igreja como irmandade. O problema textual é que ele não se refere a um grupo reduzido de cristãos como sendo igreja, mas a ofensa recebida por algum irmão tendo, portanto, a necessidade de se estabelecer testemunhas para resolução do conflito. O texto na verdade faz distinção entre um grupo menor e outro maior, a igreja local. A essência da Igreja não está nos pequenos grupos, embora eles possam ser bastantes úteis à igreja. Por isso insistia o autor: “No Novo Testamento, pequenos grupos serviam as igrejas, eles não eram a igreja”. (SHELLEY, 1984, p. 12).

O segundo exemplo também chama a atenção. Trata-se do mito da igreja invisível. A provocação do autor deve ser considerada com seriedade pois em nossa percepção essa forma de idealização da igreja é uma das mais nocivas. Para Shelley (1984) essa concepção deriva de uma distorção do gnosticismo.

É sabido que os primeiros gnósticos identificados no seio da igreja cristã enfatizavam duas visões sobre a realidade; de serem detentores de um conhecimento oculto e verdadeiro capaz de conduzir à salvação, e também tinham a tendência de cindir a realidade em bases dualistas. Essa visão dualista dividia o mundo em duas partes: o mundo invisível e, portanto, real, e em contraste, o mundo físico, como simulacro, falsificação, o reino do mal.

Exatamente aqui entra o mito da igreja invisível, pois esse parece ser o pano de fundo para aqueles que parecem buscar “uma igreja verdadeira além do tempo e do espaço” (ibidem, p. 13). A problemática dessa visão da igreja é destacada pelo autor da seguinte forma:

Quando alguém diz: “Não pertenço a igreja alguma, sou membro do corpo de Cristo” ele está fazendo de sua filiação em Cristo um assunto particular, místico, um relacionamento obtido em separado de qualquer prática, instituição ou cerimônias terrenas.

Uma pessoa assim tem a grande vantagem de não assumir qualquer responsabilidade pelas igrejas organizadas na terra. Todo pecado e falha nas igrejas podem ser postos de lado como algo que a natureza humana não-espiritual pratica, mas deixa a alma do verdadeiro crente intocada – e despreocupada. (SHELLEY, 1984, p. 13).

Shelley recupera parte da literatura de C. S. Lewis, citando um excerto da correspondência entre dois demônios no livro “Cartas de um diabo a seu aprendiz”. Nela o demônio chefe instrui seu subalterno em como agir na vida do cristão mantendo-o “distante dos deveres mais elementares voltando sua atenção para os deveres espirituais mais avançados” (LEWIS, 2009, p. 11). A estratégia maligna fica ainda mais curiosa quando recomenda:

Certamente, é impossível impedir que ele reze pela mãe, mas temos meios de fazer com que as preces não tenham efeito. Certifique-se de que sejam bem "espirituais", que ele sempre se preocupe com o estado da alma da mãe, e nunca com seu reumatismo. (LEWIS, 2009, p. 11).

A constatação evidente é que o Novo Testamento parece ignorar quase completamente a dita igreja invisível, destacando as igrejas reais, não idealizadas, com seus problemas e desafios. Isso é possível de perceber nas cartas paulinas cujos motivos de confecção geralmente eram questões circunstanciais relacionadas à vida ordinária das igrejas, incluindo questões de relacionamentos, pecados e desvios doutrinários. Por isso mesmo conclui Shelley (1984, p. 14): “as igrejas no Novo Testamento foram recipientes do poder e companhias invisíveis, mas elas mesmas eram tão terrenas quanto as lágrimas, o sangue e o cansaço”.

Essa também era a realidade do povo de Deus na antiga aliança e o ponto comum que nos une. Por isso mesmo, todas as histórias individuais estão conectadas, incluindo as nossas. De fato, cada narrativa tocava e ainda toca na história mestra, que conduzida por Deus desliza rumo à consumação. O principal já foi feito, nosso parente redimido, o Filho de Deus encarnado nos comprou com alto e bom preço e nos tirou o jugo da servidão (I Co 7:23. Ap 5:9).

Perspectiva individualista da salvação

O livro de Rute tem início destacando de imediato o contexto histórico da narrativa, “nos dias em que os juízes julgavam” (Rt 1:1). Como já abordado, aquele foi um contexto marcado por um ciclo de apostasia, arrependimento e restauração. Sempre que o povo se encontrava sob o juízo divino por causa de seus pecados, eles recorriam ao Senhor que enviava juízes carismáticos para os libertar da opressão. Era uma situação cíclica pois o povo não tinha estabilidade, fidelidade e constância em seu amor para com Deus. Lembravam do Senhor somente em situação de crise.

Como já citado no capítulo anterior, nos dias de Rute e Noemi, o povo de Israel buscava a Deus só para satisfazer as suas necessidades ou para sair das provações, como nos foi apresentado por Lopes (2014 p. 14).

No livro "A bacia das almas" (2009), Paulo Bravo descreve que faz 10 anos que não frequenta mais a igreja, e se confessa como ex-dependente de igreja. Em seu relato, Bravo (2009) diz que não guarda rancor com alguns que saíram da igreja, disse também que não foi abusado por ela, mas pelo contrário, diz que ele abusou dela. O autor faz uma crítica a maneira que alguns usam a igreja, para suprir os seus desejos e para se satisfazerem (BRAVO, 2009, p. 47,48).

Talvez o fato de muitos que se decepcionarem com a igreja se afastando dela tenha a ver com expectativas não alcançadas, de não terem encontrado aquilo que queriam para se satisfazerem. Essa constatação diz respeito a uma visão extremamente individualista da fé

cristã, algo prejudicial aos cristãos, justamente por alimentar “uma perspectiva individualista da salvação, que vê a igreja apenas em termos de aproveitamento pessoal” (SHELLEY, 1984, p. 33).

O significado do casamento pode ajudar nessa compreensão. Dizia Shelley, ninguém deve se casar para receber algo, mas para doar, se comprometer, entregar-se a si mesmo. Esse significado deve orientar a relação dos indivíduos com a igreja e, por conseguinte para com Cristo. Ser verdadeiramente salvo se traduz em ser incluído no corpo coletivo de pessoas salvas, a igreja, e assim como na figura do casamento, se comprometer integralmente com ela.

Não se sabe como era família de Noemi antes de sair de Belém, sua devoção e fidelidade a Deus. Mas ao sair de Belém, a impressão que dá sobre essa família é que para eles não faz diferença entre estar em Belém ou em Moabe, o importante era a busca pelo pão, a fuga da fome. De todo modo, o desfecho das atitudes de Elimeleque demonstram claramente a falta de confiança em Deus (GAROFALO NETO, 2019, p. 35) e em suas promessas. A decisão de Elimeleque implicava em abandonar a terra prometida e o contato mais íntimo com a família, o clã e o povo do antigo pacto.

Deus tem um povo e escolheu cuidar dele, seja na antiga aliança ou na nova. Os teólogos da teologia do pacto levam isso muito a sério, mas os pentecostais de linha arminiana/wesleyana também. Para os últimos, a abordagem mais popular entende que a eleição de Deus para a salvação é corporativa, ou seja, a eleição é vista sob ênfase cristológica e eclesiológica; Deus escolheu salvar um povo, elegeu a igreja por meio de Jesus, assim a doutrina bíblica da eleição tem como foco o próprio Filho de Deus e todos aqueles que são inseridos à igreja em termos de eleição corporativa.

A eleição é, portanto, condicional, ou seja, “Deus elegeu para salvação o povo que creia em seu Filho, ou seja, a condição para ser salvo é a fé em Jesus” (OLIVEIRA, 2018, p. 43). Sobre isso dizia o erudito Robert Shank (2015, p. 45): “o organismo corporativo de eleitos é compreendido de indivíduos. Mas a eleição é primariamente corporativa, e secundariamente particular”. George Eldon Ladd (1911–1982) corrobora essa interpretação registrando que:

A igreja é uma comunhão dos eleitos [...]. A igreja pode ser simplesmente designada como a eleita de Deus (Rm 8:33; Cl 3:12; 2 Tm 2:10; Tt 1:1). [...]. A ideia de eleição não é basicamente a do indivíduo para a salvação, mas da *Heilsgeschichte*, um conceito da eleição do povo de Deus. O fundamento do termo é Israel como o povo eleito de Deus, e designa a igreja como sucessora de Israel. É basicamente um conceito corporativo. (LADD, 2003, p. 727-728).

Nota-se, portanto, que sob essa leitura da eleição corporativa, a recusa da comunhão comunitária apresenta um problema bastante sério. Além disso, como bem disse Shelley (1984, p. 17) igreja “é uma comunidade de confissão, desde que se acha baseada em uma confissão comum, feita dos lábios e da vida, que Jesus é o Senhor”, ou seja, não é possível reconhecer o senhorio de Cristo e rejeitar a comunhão de seu povo. Logo, “a sensação de pertencer a Cristo inclui, imediata e inseparavelmente, um sentido de união com o povo de Cristo” (ibidem, p. 17).

Sair é a única opção?

Seja qual for o motivo que leva alguém sair de sua comunidade de fé, de sua igreja local, quer seja, decepção, mágoa, ressentimentos, visão equivocada da natureza da igreja ou idealização, muitos talvez abandonam a comunhão comunitária porque acreditam que essa é a única opção. Talvez tenham receio de que ao mudar de uma igreja local para outra, verifiquem a persistência dos mesmos problemas. Essa preocupação é legítima, pois o que se verifica na prática é uma igreja real, humana que existe aqui e agora.

Mas há também questões de outra natureza e diz respeito a autoimagem dessas comunidades, como elas se veem. Se entendem que seu cabeça é Cristo e que o Espírito e a Palavra são responsáveis por sua edificação, logo, sair dessa relação comunitária torna-se uma questão bastante grave. A conhecida e polêmica frase tem certo sentido: “não há salvação fora da Igreja”. A crítica a essa afirmação possui duas faces; a monopolização da fé pela igreja romana institucionalizada e a leitura de que a igreja é a origem da salvação. O semipelagianismo verificado na doutrina dos sacramentos reforça a crítica.

Entretanto, quando se nota que os salvos por Cristo são imediatamente inseridos no corpo coletivo, à igreja, se tornando *ekklesia theou*, ou *ekklesia Christou*, a frase pode ser melhor apreciada. Definitivamente rejeitar a igreja de Deus ou a igreja de Cristo se traduz em rejeitar o senhorio de Cristo, uma vez que a igreja é o povo de Deus. As várias imagens bíblicas sobre a igreja apontam exatamente para essa relação que é orgânica e espiritual.

A família de Noemi não procurou outro lugar de Israel, mas sim um lugar fora de suas fronteiras (Moabe), isso implicou em falta de confiança em Deus, em suas promessas e cuidados providenciais, isso não se traduz em rejeição ou dúvida quando ao senhorio de Deus? A igreja também é um povo, uma comunidade visível em meio a outras comunidades, isso significa que ela também tem fronteiras. A principal demarcação de seus limites é justamente o senhorio de Cristo. Como lembra Shelley ao registrar as declarações do bispo Lesslie Newbigin, Jesus “não

deixou um livro, um credo, um sistema de pensamento, ou uma regra de vida, mas uma comunidade visível – a igreja” (SHELLEY, 1984, p. 16).

3 POSSÍVEIS SOLUÇÕES PARA O MOVIMENTO DOS DESIGREJADOS APARTIR DO LIVRO DE RUTE.

“Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém!”

(Paulo, o apóstolo)

Antes de abordar especificamente a proposta deste tópico, é preciso recuperar o entendimento de que a Bíblia em sua totalidade se apresenta como uma revelação progressiva. Esse é um ponto pacificado na teologia de base conservadora, como ficou evidente em Campos (2002) e em Grudem (1999). Esse último afirma:

À medida que a história do Antigo Testamento progredia, as palavras da promessa de Deus foram-se tornando cada vez mais específicas, e a fé de expectativa do povo de Deus também foi ficando mais e mais definida. Porém, parece ter sempre existido uma fé sustentada especificamente pelas palavras do próprio Deus. (GRUDEM 1999, p. 79).

Desse modo, tanto os israelitas nos dias de Rute quando os cristãos nos dias de hoje precisam e precisam se basear na palavra de Deus para serem ambientados durante a peregrinação. Hoje temos a revelação completa, mas nos tempos de Rute, eles precisavam serem fiéis a porção que tinham dessa Revelação.

Para Fee e Stuart (2011, p. 121): “Rute se converteu à fé no Senhor, o Deus de Israel”, e isso é perceptível nas próprias palavras de Rute ao responder a sua sogra. Evidentemente tal resposta se apresenta como uma declaração de fidelidade e fé, qual seja: “[...] aonde quer que tu fores irei eu, e onde quer que pousares, ali pousarei eu; o teu povo é o meu povo, o teu Deus é o meu Deus” (Rt 1:16). Na mesma passagem, a personagem estrangeira que se torna central na trama, também faz um juramento em nome do Deus de sua sogra (Rt 1:17).

Considerando a revelação progressiva, a narrativa sobre a conversão de Rute aponta para uma divindade que se quer única e conhecida de todos os povos da terra, e, evidentemente, aponta para a universalidade da salvação. No entanto, considerando a especificidade do livro,

sua proposta fundamental parece ser de apresentar a genealogia Davídica, linhagem da qual Jesus veio ao mundo. Note-se, portanto, que mesmo considerando o recorte literário específico, a abordagem teológica aponta para entendimento de que Rute é um livro que no plano superior da narrativa diz respeito a história da salvação.

Ao falar sobre salvação, a proposta aqui não é generalizar afirmando o universalismo, ideia segundo a qual no final dos tempos, toda a humanidade será salva. Além disso, não se quer afirmar que todos de Israel foram salvos ou até mesmo que todos que se relacionam com a igreja serão salvos. A proposta é apenas mostrar em que ambiente ou de que forma essa fé é manifesta, a salvação é conduzida ou administrada e isso tem a ver com a doutrina da eleição.

Com base na afirmação do teólogo arminiano Jamierson Oliveira (2018), o conceito de eleição diz respeito à uma eleição corporativa, ou seja, a: “compreensão arminiana advoga uma eleição corporativa, onde Deus não pré-escolheu as pessoas, mas a Igreja. Não os israelitas, mas Israel. Não indivíduos salvos, mas a salvação. Não os redimidos, mas a redenção (OLIVEIRA, 2018, p. 50).

Se entendemos a perspectiva da eleição ou da salvação nos moldes da teologia arminiana, podemos afirmar que o livro de Rute diz respeito a eleição de Israel, e à luz do Novo Testamento, diz respeito à própria igreja, uma vez que o tema principal do livro tangencia a linhagem de Davi, ancestral de Jesus Cristo. Além disso, a narrativa de retorno de Noemi ao torrão de origem, mostra um retorno a esse plano superior evocado na narrativa, tudo conduzido pela providência. A narrativa de Rute mostra a fé de Noemi mesmo depois de toda amargura e decepção (Rute 2.20), bendizendo ao Senhor e crendo na sua “benevolência”. Portanto, a partir dessas premissas apresentadas, citaremos algumas possíveis respostas ao fenômeno dos desigrejados com base no livro de Rute.

3.1 Romper com as idealizações sobre a Igreja e reconhecer sua natureza.

Reconhecer a natureza da Igreja, seu significado bíblico é o primeiro passo no sentido de dar respostas ao fenômeno dos desigrejados. Não iremos retomar a discussão sobre o fenômeno ou movimento de rejeição às igrejas institucionalizadas. Mas algo ainda precisa ser dito. A institucionalização por si só não anula a vida orgânica da igreja. Como dito, a igreja como apresentada no Novo Testamento é um organismo vivo e as imagens bíblicas sobre a igreja dão testemunho disso. Entretanto, pergunta-se: porque a igreja não pode se apresentar ao mesmo tempo, de forma orgânica e institucionalizada? Herman Bavinck (1854–1921) sugere

exatamente isso ao advertir sobre alguns erros comuns em relação à igreja e oferece uma saída interessante. Vejamos:

Outra dificuldade conceitual é que a igreja é um organismo reunido pelo Espírito Santo e conduzido carismaticamente e, ao mesmo tempo, uma instituição estruturada por um sistema de governo específico. Dois erros podem ser observados aqui: a indiferença às instituições terrenas em favor de uma membresia puramente espiritual no corpo de Cristo, o erro do entusiasmo; e uma identificação da igreja com sua estrutura institucional, hierárquica, o erro de Roma. Esses erros não são tratados identificando-se a igreja visível com a instituição e a igreja invisível com o organismo. Instituição e organismo são aspectos da igreja visível sobre a terra e ambos têm um pano de fundo espiritual invisível. A única solução é reconhecer que o velho Adão que continua a existir nos crentes também pertence à igreja e que a igreja está em um processo de tornar-se. A verdadeira e plena medida da identidade da igreja só será alcançada na consumação (BAVINCK, 2012, p. 278-279).

É bom lembrar que mesmo na comunidade de Jesus, na igreja dita primitiva havia vestígio de organização humana. O próprio Jesus escalou um corpo próximo de discípulos para o acompanhar e dividiu com eles algumas funções (Lc 9:1-6). Um excerto do evangelho dá conta que entre os discípulos de Jesus havia um com certa responsabilidade administrativo-financeira, o próprio traidor, Judas Iscariotes. Diz a nota explicativa de João: “Porque, como Judas tinha a bolsa, pensavam alguns que Jesus lhe tinha dito: Compra o que nos é necessário para a festa; ou que desse alguma coisa aos pobres” (Jo 13:29).

Ou seja, havia desde cedo certa organização elementar no núcleo original da igreja cristã. Há evidências de que foram formados outros grupos com a finalidade de espalhar a mensagem de Jesus de Nazaré e Lucas menciona 70 discípulos agrupados em pares (Lc 10: 1-17). Logo depois da ascensão de Jesus, foi instituído o diaconato (At 6:1-6), sendo “os Doze” aqueles que presidiam “a comunidade dos discípulos” (At 6:2). O texto também informa a razão desse modelo organizacional: o aumento do “número dos discípulos” e uma questão de natureza filantrópica (At 6:1).

Suspeitamos que há outro mito persistente que não foi abordado por Shelley (1984). Trata-se de um mito de ordem sociológica perpetuado pela força de um discurso que se tornou paradigmático nas ciências sociais; a relação dialética proposta por Weber (1984) entre forças de conservação e renovação representadas em seus tipos ideais, sobretudo; igreja *versus* seita, sacerdote *versus* profeta.

Certamente os influxos religiosos no contexto alemão podem ter levado o sociólogo a elaborar suas reflexões, sobretudo, ao considerar o avanço da escolástica protestante e as respostas encontradas entre morávios e depois entre os pietistas. Forças de renovação geralmente são *insiders*, ocorrem internamente como os casos históricos dos montanistas, do

monasticismo, ou das ordens monásticas, dos valdenses, lolardos, protestantes magisteriais e radicais, pietistas, puritanos, metodistas e vários outros. Todos esses movimentos estavam de algum modo conectados à corrente caudalosa do cristianismo bíblico e histórico.

Além disso, uma vez mais registramos, Deus entrou em um pacto corporativo, no Antigo Testamento esse pacto tinha a ver com Israel, mesmo a aliança feita com Abraão tinha em vista a formação de um povo. No Sinai esse pacto foi definitivamente celebrado, mas no Gólgota o derradeiro pacto foi feito. O pacto de sangue deu vida à igreja, o novo povo de Deus, como bem disse o escritor canônico: “vós, sim, que, antes, não éreis povo, mas, agora, sois povo de Deus, que não tínheis alcançado misericórdia, mas, agora, alcançastes misericórdia” (I Pe 2:10). A eleição corporativa como advogada pela leitura arminiana aqui apresentada, reforça a importância fundamental da igreja e isso certamente nos leva a outro ponto, melhor desenvolvido a seguir.

3.2 É preciso cuidado com o rompimento das fronteiras da igreja.

Na história de da família de Noemi, não podemos fazer deduções de como seria se eles não tivessem saído das suas terras. Apenas podemos notar na descrição da história o relato de apenas essa família saindo, não se sabe se outras famílias migraram, mas o certo é que, nem todos saíram, por isso sair não era a única solução pois:

Nem todos fugiram de Belém no tempo da fome. A fuga não era a única porta de escape. Essa família precipitou-se em busca de uma solução imediata. Eles escolheram o caminho mais fácil. Contudo, esse caminho tornou-se o mais amargo, o mais doloroso. Ainda hoje, o enfrentamento é melhor do que a fuga. (LOPES, 2007 p. 35).

Evidentemente, do ponto de vista bíblico, a migração da família de Elimeleque e Noemi não era a opção mais adequada. Isso por inúmeras razões; falta de confiança em Deus, relativização da verdade de Deus e conseqüente rejeição de seu senhorio, tudo isso exemplificado na expressão: “cada um cada um fazia o que parecia bem aos seus olhos” (Jz 17:6). Sair, atravessar a fronteira do povo de Deus, implicaria na rejeição da autoridade de Deus. Se considerarmos a concepção esposada por parte do movimento pentecostal de uma eleição corporativa a questão é ainda mais séria. Mas, na perspectiva da teologia do pacto também, pois, como alerta Garofalo Neto (2019):

Precisamos lembrar, entretanto, de algo que faz toda a diferença. Se estamos na família da aliança, dentro do povo de Deus, temos as promessas pactuais de Deus a nosso favor. Você não precisa lutar por si mesmo de forma rebelde, Deus vai cuidar de você. Por que insistir em caminhos que o desonram? Fé é precisamente a ideia de que somos chamados por Deus a andar não por vista, mas crendo nas promessas pactuais do Senhor. (GAROFALO NETO, 2019, p. 31).

Sair não é opção! Mesmo com toda a adversidade, o melhor lugar ainda é o espaço pactual. Para aqueles que enfrentam situações complicadas em suas igrejas, procurar agir como aquela família de Belém, rompendo totalmente com as fronteiras da comunidade pode ser algo definitivamente desastroso. O pastor reformado Hernandes Dias Lopes (2007) ao abordar o livro de Rute lança mão de uma hermenêutica que alguns poderão julgar como alegórica pois faz a seguinte observação:

Houve fome de pão em Belém, a Casa do Pão. Belém é um símbolo da igreja. Muitas vezes, também, falta pão na igreja, e as pessoas começam a passar fome. O pão que falta na igreja não é aquele feito de trigo, mas aquele que procede da boca de Deus. E a fome desse pão do céu que nos faz buscar a Deus com todas as forças da nossa alma. No dia em que a nossa fome de Deus for maior do que a fome por comida, por dinheiro, por fama e reconhecimento, então poderemos experimentar as maravilhas de Deus. (LOPES, 2007 p. 54)

Com as devidas reservas, as provocações de Lopes (2007) são úteis e nos levam a uma inevitável conclusão; o espaço da verdadeira igreja, de suas fronteiras, é aquele assistido pelos cuidados especiais daquele que se comprometeu com ela. Essa é a figura utilizada por Paulo na carta aos Efésios. Ao abordar a metáfora do casamento o ponto central é a relação de Cristo com a igreja pois compara: “Porque ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja” (Ef 5:29). Aqui, claramente se observa o comprometimento do Filho de Deus com a igreja no sentido de dispensar a ela todos os cuidados necessários. É no seio da igreja que todos os filhos da aliança são nutridos, logo, sair da igreja significa morte por inanição.

Deus se comprometeu com Israel e o livro de Rute reflete as consequências de um pacto bilateral ratificado no Deuteronômio. Israel falhou e houve consequências, entretanto, do ponto de vista divino, Deus sempre respondia com graça. O apogeu da graça é desenhado em uma narrativa inclusiva, por isso mesmo Rute é um livro que leva o nome de uma estrangeira incluída na árvore genealógica dos monarcas de Israel e do próprio Filho de Deus, o Rei dos Reis.

Essa antiga história foi incorporada à uma narrativa maior, que ao longo do tempo foi ganhando forma. Começou lá atrás, no pórtico da história quando Deus criou a família humana. Com a tragédia da queda foi inaugurado aquela compulsão para atravessar as fronteiras da graça, o espaço dos cuidados paternais de Deus. Mesmo partindo para longe, a humanidade representada no casal edênico sempre foi procurada pelo criador até que “vindo [...] a plenitude

do tempo, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei, para resgatar os que estavam sob a lei, a fim de que recebêssemos a adoção de filhos (Gl 4:4-5).

A história de Rute definitivamente é “a história de Deus” (FEE; STUART, 2011, p. 110), onde além da autoria primária da narrativa, claramente se percebe seu protagonismo. Há um Pai que entrega tudo para formar uma grande família pactual, algo que se desdobra na história até o presente da igreja, o povo de Deus. Evidentemente a igreja incorpora todos os filhos de Deus e a doutrina da adoção toca exatamente nesse ponto.

De fato, é possível concluir que a adoção é desdobramento da justificação uma vez que: “não apenas somos declarados justos na justificação, mas também somos adotados na família de Deus. Conseqüentemente, há uma nova relação Pai-filho que é o jubiloso resultado da justificação. Nós estamos na família de Deus” (WILLIAMS, 2011, p. 419-420). Mais uma vez, família é um conceito, ao mesmo tempo, orgânico e corporativo, comportando em seu núcleo vários elementos. Sair da família de Deus implicaria na perda de direitos e privilégios. Os mais sublimes deles. Além disso, é preciso reconhecer que há algo do velho Adão em cada crente, ou seja, como nos lembra Bavinck (2012, p. 278): “o velho Adão que continua a existir nos crentes também pertence à igreja e que a igreja está em um processo de tornar-se”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na história de Rute, vemos que Deus está disposto a receber aqueles que creem nele (Rute), como também aqueles que voltam para ele (Noemi), não só de receber de volta, mas como também de curar as feridas causadas pelas más escolhas, de redimir, de nos comprar para ele mesmo e nos inserir em sua família. De todo modo, como foi possível constatar, o livro de Rute faz parte de uma história maior.

Os três níveis da narrativa como desvelado por Fee e Stuart (2011) se mostraram concatenados, unidos em uma trama que do ponto de vista humano se desenvolveu temporalmente. Na verdade, começou na eternidade, quando os planos de Deus comportavam o cordeiro que foi morto desde a fundação do mundo e a necessidade de um mergulho divino em sua própria criação com a encarnação (Gn 3:15).

Pensando nisso, a hipótese apresentada inicialmente foi testada e se confirmou, uma vez que o livro de Rute, mesmo considerando os contextos histórico e literário se mostrou muito útil do ponto de vista de uma leitura teológica e conseqüente resposta para o fenômeno dos desigrejados. Temas da teologia bíblica e Sistemática se cruzaram, além de uma hermenêutica que valorizou tanto a perspectiva pentecostal-arminiana quanto aquela esboçada pela teologia

da aliança. Embora a distância temporal, histórica e cultural que nos separam da narrativa de Rute, registra-se elementos comuns que do ponto de vista teológico são atemporais; a condição humana tocada pelos efeitos da queda, o plano da salvação e a segurança pactual celebrada entre Deus e seu povo, seja na Antiga Aliança ou na Nova.

Certamente a leitura prevalecente em alguns círculos pentecostais arminianos ganhou destaque, uma vez que o conceito teológico de eleição corporativa se mostrou bastante útil no desenvolvimento de uma resposta contundente àqueles que tem alimentado ressentimentos e mesmo rejeição à igreja. Além disso, as imagens bíblicas de igreja e família de Deus se mostram intimamente ligadas, sempre em perspectiva corporativa e orgânica, sem, contudo, eliminar o elemento organizacional. As contribuições da orientação teórica foram significativas, sobretudo, em relação a permanência de alguns mitos sobre a igreja e a ignorância quanto a sua natureza.

Em tempos marcados por relativismos, pluralismo, trânsito religioso, rejeição às formas institucionalizadas da igreja, urge, portanto, recuperar a doutrina da igreja e sua relação com outros temas bíblicos, sobretudo, com a teontologia, a soteriologia e a pneumatologia. Mesmo assim, cabe espaço para a crítica no sentido de desvelar as experiências confessionais contemporâneas que podem ou não ser identificadas como grupos menores e pertencentes à Igreja, não se esquecendo de confiar e depender inteiramente de Deus e seu compromisso pactual celebrado na cruz.

Reconhecemos os limites deste trabalho e temos consciência que os desafios postos à igreja contemporânea se avolumam. Mesmo assim a fidelidade às Escrituras parece ser a resposta definitiva aos desafios da contemporaneidade, sobretudo, àqueles que insistem em viver sua fé isoladamente e sem compromisso com o povo de Jesus, a igreja.

REFERÊNCIAS

BAVINCK, Herman. **Dogmática reformada – Espírito Santo, Igreja e nova criação**. Trad. Vagner Barbosa. v.4. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA, Português. **Bíblia de Estudo Pentecostal: Antigo e Novo Testamento**. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição Rev. Corr. São Paulo: CPAD, 1995.

BÍBLIA DE ESTUDO DE GENEBRA. 2ª ed. São Paulo: Sociedade Bíblia do Brasil; Cultura Cristã, 2009.

BRAVO, Paulo. **A bacia das Almas**. São Paulo: Mundo Cristão, 2009

CAMPOS, Idauro: **Desigrejado: Teoria, História e Contradições do Nihilismo Eclesiástico**. Rio de Janeiro: bvbooks, 2017.

FEE, Gordon. STUART, Douglas. **Entendes o que lê?: um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica**. Trad. Gondon Chown e Jonas Madureira. 3ª ed. São Paulo: Vida Nova, 2011.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lê?: Um guia para entender a Bíblia com o auxílio da exegese e da hermenêutica**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

GAROFALO NETO, Emílio. **Redenção nos campos do Senhor: as boas-novas em Rute**. 2.ed. Brasília: Editora Monergismo, 2019.

GRUDEM, Wayne. **Teologia sistemática**. 1º ed. São Paulo: Vida Nova, 1999.

HUBBARD JR, Robert L. **Comentário do antigo testamento: Rute**. 1º ed. São Paulo: Editora Cultura Cristã, 2008.

LADD, George E. **Teologia do Novo Testamento**. Trad. Degmar Ribas Júnior. São Paulo: Hagnos 2003.

LEWIS, C. S. **Cartas de um diabo a seu aprendiz**. Trad. Juliana Lemos. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

LOPES, Hernandes Dias. **Uma perfeita história de amor**. São Paulo: Editora Hagnos, 2007.

LOPES, Augustus Nicodemus. **Os Desigrejados**. O tempora, o mores, 2010. Disponível em: <<http://tempora-mores.blogspot.com/2010/04/os-desigrejados.html>> Acesso em: 19 novembro 2022.

MULDER, Chester O. el at. **Comentário Bíblico Beacon**. v. 2 – Josué a Ester. CPAD, Rio de Janeiro, 2012.

OLIVEIRA, Jamierson. **Arminianismo puro e simples**. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

PFEIFFER, Charles F. **Comentário Bíblico Moody**. v.1. Editora Batista Regular, São Paulo, 2017.

RADMACHER, Earl; ALLEN, Ronald B; HOUSE, H. Wayne. **O novo comentário bíblico AT, com recursos adicionais** – A Palavra de Deus ao alcance de todos. Rio de Janeiro: Editora Central Gospel, 2010.

RIDAL, R. Clyde. **O livro de Rute**. In: MULDER, Chester O. et al. **Comentário Bíblico Beacon**, v.2 – Josué a Ester. Rio de Janeiro: CPAD, 2012.

ROMEIRO, Paulo. **Decepcionados com a graça**: esperanças e frustrações no Brasil Neopentecostal. São Paulo: Mundo Cristão, 2005.

SHANK, Robert. **Eleitos no Filho** – um estudo da doutrina da eleição. Trad. Vinícius Couto e Glória Hefzba. São Paulo: Editora Reflexão, 2015.

SHELLEY, Bruce L. **A igreja**: o povo de Deus. São Paulo: Vida Nova, 1984.

STRONG, James. **Dicionário Bíblico Strong**: Léxico Hebraico, Aramaico e Grego de Strong. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2002.

WEBER, Max. **Economia e sociedade**. Trad. Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UNB, 2004.

WILLIAMS, Rodman J. **Teologia sistemática**: uma perspectiva pentecostal. Trad. Sueli Saraiva e Lucy Hiromi Kono Yamakami. São Paulo: Editora Vida, 2011.